

## Enumeração e explicação **NÃO CONFIRMADA** de **ALGUMAS** das tradições do CM

*(versões recolhidas na Revista da AAACM)*

### **NOITE DOS FANTASMAS**

#### **As Origens**

A inexistência de registos documentais sobre esta tradição, torna duvidosa a data em que se realizou pela primeira vez. Sabe-se unicamente que finalistas de 1936/37 e 1940/41 não se recordam de tradição alguma com esse nome ou idêntico processada nos mesmos moldes.

#### **A Concretização**

A noite dos Fantasmas realiza-se numa das primeiras noites que os "turistas" pernoitam no Colégio. Com estímulos sonoros aterradores, os espíritos de ex-alunos ou de figuras ilustres relacionadas com a vida colegial começam a entrar na camarata dos novos alunos "encarnados" nos corpos dos graduados desse ano. Por breves minutos "assombram" a camarata. Dá então entrada o fundador do Colégio Militar, Marechal António Teixeira Rebelo, que profere umas breves palavras imbuídas de significado bastante profundo, que deverão ser um dos pilares de orientação dos futuros "Meninos da Luz" durante a sua estada nesta Casa e em toda a sua vida, palavras marcantes para os mais novos e sentidas para os mais velhos. Após a entoação do famoso grito colegial - o Zacatraz - os fantasmas retiram-se.

#### **A Simbologia**

Se bem que não nos possamos expressar quanto à sua cronologia, já o podemos fazer relativamente ao conteúdo ideológico que lhe está subjacente. Uma leitura linear deste texto, talvez origine uma opinião indiferente ou mesmo desfavorável em relação ao descrito. Há que observar a noite dos fantasmas no Colégio Militar como uma espécie de culto iniciático numa sociedade secreta. É o primeiro contacto que se tem, e talvez o mais marcante e significativo. O simples temor, medo, ou o mais puro dos terrores, sentido enquanto esta decorre, funcionam como uma prova de resistência psicológica, entre as muitas que serão feitas ao longo de toda a vivência no Colégio. Serve também para que, embora de forma inconsciente, os canais cognitivos dos novos alunos se abram e estejam mais atentos ao que se passa em seu redor, ficando, deste modo, a mensagem do Fundador gravada a letras de ouro no subconsciente dos "turistas". É um teste e uma avaliação da timidez e do espírito de aventura dos novos alunos, de modo a que se adaptem mais rapidamente e sem inibições à vivência colegial. Em momentos de desânimo, dificuldade, estes sabem que têm uma mão amiga dos graduados, mais directamente, seguindo-se os outros alunos, ex-alunos... todos eles constituintes da extensa família colegial. Renunciando à paradoxal questão das verdades absolutas (que é ela própria um paradoxo), eu lembraria, no seguimento do já referido, que "os irmãos partilham as tristezas e multiplicariam as alegrias". Isto abarca valores que já escasseiam na sociedade actual, apodrecida pela ganância, como a camaradagem e o espírito de corpo. Serve também, portanto, como apelo inicial à união e à camaradagem dos mais novos sob pena de insucesso, tanto individual como colectivo. Daqui obtemos o tão conhecido lema do nosso Colégio: "Um Por Todos, Todos Por Um". Tudo isto começa a ser cultivado desde esta noite tão especial, embora só mais tarde se tome consciência disso.

A noite dos fantasmas está imbuída de um significado que só os que por ela passaram compreendem. E as mensagens de sabedoria que lhe estão imanentes só serão totalmente compreendidas alguns anos depois de as ter vivido. É este desvendar constante e insaciável que torna a vida colegial empolgante. Constitui, pois, um primeiro mergulho, muito superficial na cultura tão própria desta casa. Foi ela grande responsável pelos vultos ilustres da História de Portugal que aqui se formaram.

Tem, assim, esta tradição um duplo cunho de iniciação e de evocação.

### **ABRAÇO AO BATALHÃOZINHO**

Esta tradição que se reveste de grande significado e se integra na solenidade com que se procede à abertura formal de cada ano lectivo.

Tem lugar em formatura do Batalhão Colegial, nos Claustros, sucedendo a uma alocução do Aluno Comandante do Batalhão, aludindo ao que representa, perante todos os alunos e suas famílias, o abraço que vai dar, em nome dos restantes alunos, ao mais pequenino dos "Ratas", o qual fica então conhecido, em designação carinhosa e muito simbólica da coesão colegial, por "Batalhãozinho".

Este abraço dado pelo Aluno Comandante do Batalhão, em nome dos restantes alunos, ao aluno "Batalhãozinho", é o momento em que fica bem marcado o desejo sincero de boas vindas aos novos alunos do Colégio, a afirmação da camaradagem e sentido de protecção com que podem contar e, também, quanto o Colégio se sente orgulhoso de ver garantida a sua continuidade em cada ano que passa.

### **JOGO DO PATO**

O Jogo do Pato é uma tradição que, apesar de não muito antiga, se tem realizado nas últimas décadas com frequência e entusiasmo.

Com a presença do capitão Reymão Nogueira como mestre de equitação do Colégio Militar, iniciou-se um jogo durante a instrução que consistia em os alunos a cavalo, sem estribos, fazerem um jogo passando as bolas de uns para os outros. A finalidade do jogo era meter a bola num cesto no canto do picadeiro (baliza).

Mais tarde e após uma visita do adido militar americano, ao Colégio em que se fez uma apresentação de um jogo do pato, este convidado muito gentilmente resolveu oferecer ao Colégio, duas bolas do jogo do pato argentino com o respectivo regulamento traduzido para português.

Dada a sua violência, foi impossível fazer-se este jogo com uma certa continuidade ficando então restringido à sua realização apenas uma vez por ano na altura do S. Martinho e apenas com os alunos finalistas.

Desde então, todos os anos, nesse dia, os finalistas realizam esse jogo, organizados em 4 equipas, uma por cada companhia. Os alunos finalistas, a cavalo, sem estribos fazem um jogo passando bolas do jogo do pato argentino, com o único objectivo de acertar num cesto (baliza) que se localizam nas duas paredes apostas do Picadeiro, ganhando quem mais pontos somar.

Para além de ser um jogo verdadeiramente alucinante, espectacular, violento e viril e muitos outros adjectivos, sobressai o convívio posterior a este. Um convívio desportivo e justo, onde se fomenta o espírito competitivo. Uma tradição a continuar pelos bons momentos que proporciona, indescritíveis e únicos.

*(Versões recolhidas no Site do CM)*

### **JOGO DO PATO**

Rezam os cânones Colegiais, que no dia de São Martinho, se realize o tradicional " JOGO DO PATO ". Foi iniciado no princípio da década de cinquenta, pelo então Capitão Reymão Nogueira, Mestre de Equitação do Colégio Militar, tendo por base a seguinte organização e regras:

- Constituído por duas equipas a cavalo e sem estribos, composta por quatro conjuntos disputando uma bola medicinal, cuja estratégia era a de em jogo, fazer circular a bola dentro da equipa, uns pelos outros, conseguindo ultrapassar os elementos da equipa adversária e colocá-la no cesto dessa equipa;
- Durante a disputa da bola, montados a cavalo, a intenção era retirá-la ao cavaleiro da equipa adversária. Caso esta caísse no chão o cavaleiro que apeando conseguisse a sua posse, só a poderia fazer jogar novamente quando montado;
- O jogo tinha a duração de dez minutos divididos em duas partes e a vitória seria da equipa que mais vezes conseguisse colocar a bola no cesto da equipa adversária.

Mais tarde e após a visita de um Adido Militar Americano ao Colégio, durante a qual se fez uma apresentação deste jogo, aquela entidade, muito gentilmente, ofereceu duas bolas do Jogo do Pato Argentino (construídas com argolas em couro que facilitavam o manuseio), o respectivo regulamento e a

sua tradução em Português, passando o jogo a realizar-se daquela forma, efectuando-se anualmente um torneio entre companhias representadas por alunos do último ano lectivo.

## 1º DE DEZEMBRO

### O Enterro do Miguel

Entre as várias tradições dos alunos do Colégio Militar, esta existe há muito radicada e é uma das que mais complexa execução exige. Contam-se, pelo menos, 100 anos de existência, com base no testemunho do rata 206/1897, Coronel João Brás d'Oliveira, que em entrevista ao jornal "Colégio Militar", em 1957, recordou com saudade aquela data gloriosa para a Pátria, "em que os alunos comemoravam à sua maneira".

A "Mocada", assim conhecida na gíria colegial recente, é uma pitoresca reconstituição da acção que um grupo de conjurados levou a efeito no dia 1 de Dezembro de 1640, no intuito de destronar o jugo espanhol. Realiza-se portanto no dia anterior ao feriado, visto ser o único dia em que os alunos se encontram presentes.

Eis a cena que se repete e que a História perfilha:

Os alunos do 7.º e 8.º anos, representando respectivamente os castelhanos e os portugueses, desfilam à volta dos claustros para melhor apreciarem seus trajes. Orgulhosos do seu estandarte e do seu hino, que exibem e cantam confiada e sentidamente, ocupam, de seguida, lados opostos, preparando-se para o confronto. Empenhando agressivamente a "moca" (colcha ou lençol de cama molhados, ensaboados e enrolados), sucedem-lhe as recíprocas e habituais ameaças entre inimigos. Ao som das nove badaladas, na velha sineta da Porta Principal, irrompem pelos claustros, no centro dos quais se defrontam. Apenas alguns minutos bastam para levar de vencida a "guarda espanhola". A luta nos claustros termina quando os espanhóis concentrados junto às escadas de acesso às varandas, são vencidos e os portugueses invadem o Paço e vão ao andar superior.

Sobem, então, alguns portugueses à varanda onde convidam, com lusitano cavalheirismo, a Duquesa de Mântua (aluno devidamente mascarado), governadora de Portugal ao serviço de Filipe III, a afastar-se pela porta se o não quiser fazer pela janela. Escondido num armário, o traidor Vasconcelos, normalmente simbolizado por um boneco, é descoberto, atirado para a rua e sujeito à ira e revolta do povo, que o esmaga. Ao grito de "Liberdade! Liberdade!" é proferido o ansiado discurso, por um dos alunos finalistas (chefe dos revoltosos portugueses), da varanda dos claustros e escrito em "papel de menor qualidade", que verbera ardente e ferozmente os "traidores" e os "inimigos", carinhosamente contemplando nomes e assuntos colegiais, fruto de "enorme coincidência"! O povo, em baixo, eufórico e expectante, vai vociferando com fortes "Viva" e disputando as páginas do papel que são atiradas da varanda.

Segue-se um desfile final dos vencedores perante a submissão dos positores. No início assume a forma de "enterro do Miguel", com a presença da Duquesa chorosa e subjugada, acompanhando a procissão, encabeçada por um padre, devidamente apetrechado com o balde, contendo "água benta", e a indispensável vassourinha de piaçaba, com a qual vai respeitosa salpicando os ilustres assistentes e curiosos. O cortejo transforma-se, depois, num "abrir de fileiras", no exterior do edifício dos claustros, compostas pelos alunos do 7.º e 8.º anos, no meio das quais passam todos os restantes, simbolizando isso a expulsão dos intrusos do território português e a humilhação de todos os que não se insurgiram patrioticamente contra o domínio castelhano.

O "Enterro do Miguel" é, talvez, uma data das mais simbólicas e interessantes tradições do Colégio. Com esta tradição o Colégio, casa de nobilíssimas tradições, associa-se às comemorações da Restauração da Independência de Portugal, no 1º de Dezembro.

Ao mesmo tempo que se evoca a libertação em 1 de Dezembro de 1640, os alunos fazem, paralelamente, uma crítica ou sátira recheada de humorismo e ironia sobre determinados aspectos da vida colegial, aos professores e oficiais, aos próprios alunos, etc. , utilizando metáforas e segundos sentidos a partir do facto histórico ou das personagens com ele relacionadas: o Miguel de Vasconcelos, a Duquesa de Mântua, os "cães" espanhóis e os heróicos portugueses.

Os alunos aparecem disfarçados com os trajes mais bizarros e originais, fazendo alarde da sua criatividade, imaginação e alegria.

A tradição, não procura ser algo de doloroso, negativo ou até mesmo prejudicial. Embora não constada nas Normas do Colégio, deve ser inserida no Código de Honra do Aluno do Colégio Militar, e não deve cair em despotismo ou humilhação.

### O Selar das Barretinas

Esta cerimónia designada pelo "Selar da Barretina", é efectuada pelos alunos graduados e traduz a continuidade de uma tradição iniciada há mais de cinquenta anos atrás. Outrora chamado por "Armar cavaleiro" e com vertentes ligeiramente diferentes é agora caracterizado por "Selar da Barretina".

Realiza-se na tarde do dia em que se comemora no meio colegial o 1.º de Dezembro de 1640, relembrando o acto de D. Filipa de Vilhena que armara durante a revolução de Restauração da Independência de Portugal os seus filhos cavaleiros.

Numa cerimónia tradicionalmente efectuada nos Claustros, os "Ratas" entram na formatura do Batalhão de cabeça descoberta e com a barretina "virgem" na mão, os "Ratas" entregam-na ao seu graduado enquadrante, para que este, depois de a amachucar ligeiramente, com o joelho, na parte superior, lhe coloque a barretina, completando o uniforme e assinalando de forma solene e oficial a integração dos novos alunos no Batalhão do Colégio Militar.

Esta mística tradição, assinala a primeira formatura em que os "Ratas" se integram no Batalhão Colegial usando o seu uniforme de gala.

Como se sabe, esta peça do uniforme, tão característica que é o símbolo mais querido dos alunos do Colégio Militar, é o emblema aglutinador de todos os que alguma vez envergaram o uniforme cor de pinhão.

O "Selar da Barretina", muito para além do aspecto meramente utilitário - pois que ela assenta, sem dúvida, bem melhor assim "selada" do que novinha em folha - é como uma personificação dessa peça do uniforme, ou seja, uma espécie de identificação com o aluno a quem foi conferida a honra de a usar. Uma espécie de apadrinhamento por parte do graduado selador que reflecte o estender de uma casa marcada pelos valores nacionais e de tradição.

Ela fica, assim, como que marcada por um dos veteranos, para ser usada por um dos alunos mais jovens que vão iniciar-se na vida e no espírito colegiais.

Nenhum aluno deve ou pode usar uma barretina que não tenha sido "selada". É como que usar algo de impessoal.

## NOITE DAS PINTURAS

As pinturas aos "Ratas" têm lugar na última noite do 1º Período Escolar, antes das férias do Natal e do tradicional Corta-Mato. Durante essa noite, os alunos mais velhos (finalistas) procuram pintar as caras dos mais novos, em especial os "Ratas", sem que eles acordem. Se a pintura fizer acordar algum deles, então deve ser interrompida pois deixa de ter interesse, por se perder a surpresa.

A noite das pinturas constitui como que uma despedida alegre e festiva do 1.º Período e, ao mesmo tempo, os votos de Boas Festas.

## RÉCITA

### As Origens

A Récita, como qualquer outra tradição colegial, tem as suas origens e razões de existir. Não se sabe ao certo quando começou, do modo como a entendemos hoje, mas a sua idade ultrapassa o século: foi publicado na Ordem de Serviço n.º 70, de 4 de Maio de 1868, d'O Real Collegio Militar o "Regulamento para o theatro collegial, que estabelecia, entre outras disposições, as aplicações do teatro, os períodos de ensaios e representações, as épocas teatrais, a distribuição das entidades pelos lugares do teatro e a forma de receber os convidados.

Desconhece-se a localização deste "theatro collegial", supondo-se ter tido lugar no edifício então conhecido por "Quartéis Velhos", actual aquartelamento da Formação. Entretanto, com a segunda transferência do Colégio para Mafra, em 16 de Agosto de 1870, este teatro deve ter sido encerrado.

Como manifestação teatral que é, a Récita foi evoluindo. Começou por ser uma pequena representação em que alguns faziam imitações de colegas e até de professores e oficiais, apenas para divertimento dos alunos. Sabe-se, no entanto, que tanto os oficiais como os professores foram tomando conhecimento destes acontecimentos começando a aumentar gradualmente o número e a variedade dos espectadores destes eventos culturais, que ocorriam algumas vezes por ano.

A Récita foi ganhando importância, e começou a definir-se, cada vez mais, até ao formato e figurino actuais.

Os alunos do 7.º ano (na altura graduados) ficaram responsáveis pela realização da Récita, que, entretanto, se deslocou para o teatro de D. Luis Filipe, inaugurado no dia 2 de Março de 1903, e mandado construir por volta de 1892 pelo General José Estevão de Morais Sarmiento.

A realização da Récita pelos alunos do 7.º ano vem assim desde os primeiros anos do séc. XX, e, até à década de 60, realizava-se com entradas pagas. A receita arrecadada era a principal fonte de financiamento da viagem de curso dos graduados.

#### **A Simbologia**

Como tradição que é, a Récita ocupa um papel de grande importância na vida colegial. Nela são retratadas e criticadas pessoas, criticam-se factos ou acontecimentos do nosso Colégio. De uma forma alegre, salutar e respeitosa, os alunos do 7.º Ano apresentam, como futuros graduados, a sua opinião sobre os diversos assuntos que marcam a nossa Casa. E por este facto deve ser considerada uma tradição particularmente importante, devendo ser-lhe atribuído um grande valor, uma vez que é um dos meios que os alunos possuem para exprimir as suas opiniões. O papel dos alunos do 7.º Ano é inigualável, pois, como alunos mais velhos, não graduados, têm uma opinião e uma palavra a dizer sobre tudo o que se passa no Colégio, que deve receber a atenção devida. Assim ao escarnecer, ao criticar, ao apontar e ao desnudar certos aspectos, quer de uma forma séria quer comicamente, a Récita ganha um estatuto de tribunal, em que se julgam esses mesmos aspectos e o Colégio por si, sempre com a intenção de melhorar as condições existentes, lembrando e renovando os ideais, por forma a fortalecer e prolongar a vida deste tão nosso querido Colégio.

## **ZACATRAZ**

#### **As Origens**

"Muitos antigos alunos interrogam-se sobre a origem do "Zacatraz". Quando ainda era vivo Diogo Neff Sobral (246/1903) contou a história seguinte, sujeita a confirmação, pois não estava certo da sua veracidade:

Quando Neff Sobral já era aluno do Colégio Militar, foi Lisboa visitada por uma escuna francesa denominada Zacatraz e que trazia a bordo alguns guardas-marinhas, tirocinantes, espanhóis. Houve um jantar a bordo, para o qual foram convidados alguns oficiais portugueses e um pequeno grupo de Meninos da Luz. A comida era ótima e o vinho ainda melhor. À sobremesa foi servido um Porto de qualidade excepcional, oferta dos militares portugueses, que foi altamente apreciado e largamente bebido. Um oficial francês discursou e, no final, à falta de melhor gritou três vezes. Zacatraz, Zacatraz, Zacatraz, no que foi correspondido pelos tirocinantes espanhóis por vibrantes Olés, gritados por várias vezes. A euforia atingira o máximo e, então o comandante do barco, para acabar com a gritaria, levantou-se solenemente e brindou: À votre santé. Parece que os Meninos da Luz apreciaram aquela gritaria toda e adaptaram-na para outras jantaras, mas, para rimar com o olé, passaram a dizer à votre santé, abrindo bem o é para rimar com olé. Fantasia? Verdade?"

Si non é vero é ben trovato.

Carlos Vieira da Rocha (189/1929)

Pela leitura deste texto verifica-se que certezas poucas há e para ajudar à confusão relato uma outra versão já ouvida de mais do que uma fonte, com enquadramento semelhante à anterior mas com um cariz diferente do protagonismo assumido pelos diversos intervenientes:

"A história passa-se igualmente no porto de Lisboa a bordo de um navio da Marinha de Guerra Francesa, visitado por uma delegação do Colégio.

Os pormenores da recepção a bordo não são conhecidos e para o caso são irrelevantes.

Quando a visita terminou e os Meninos da Luz se preparavam para deixar o navio foram saudados pela guarnição com o grito de saudação daquela unidade militar. Apanhados de surpresa e não havendo, ao tempo, nada de tradicional nesta matéria, consta que um dos elementos da comitiva do Colégio, porventura mais expedito, olhando para o nome do navio gritou por três vezes: Zacatraz, Zacatraz, Zacatraz, tendo sido secundado, em traz traz e, em seguida, a homenagem ao jeito de despedida aos anfitriões do navio francês, Allez allez à votre santé.

Existem algumas teorias de que o Zacatraz só aparece após 1918 o que, a verificar-se, inviabiliza a veracidade das versões antes referidas que se situam por volta dos primeiros anos do Século XX.

Cerca de 1949, tanto quanto é possível afirmar com rigor, terá sido introduzido o Ala Ala arriba provavelmente, segundo conceituada opinião, para contrariar o galicismo do allez allez à votre santé."

Gonçalo Salema Leal de Matos (371/1949)

#### **A Concretização**

Este grito de saudação é proferido de forma rápida e com força como quem grita um grito de guerra e pela seguinte ordem, que constitui a junção de três séries de elementos, a solo e em coro, de que resulta uma forma característica, cheia de alegria e juventude:

ZACATRAZ - ZACATRAZ - ZACATRAZ .....TRAZ - TRAZ (3 vezes)

ALA, ALA .....ARRIBA (2 vezes)

ALLEZ, ALLEZ À VOTRE SANTÉ .....ALLEZ (1 vez)

#### **A Simbologia**

O "ZACATRAZ" é o grito de saudação com que se festeja qualquer acontecimento importante, no Colégio ou fora dele; é como que um brinde que distingue quem frequentou ou frequenta o Colégio Militar.

Neste grito estão contidos o sentimento e a alma dos "Meninos da Luz". Por isso, é para ser proferido e acompanhado com vibração e entusiasmo, mas igualmente com solenidade e respeito.

Não se deve abusar da sua repetição; este profere-se por exclusiva vontade dos alunos em ocasiões importantes ou saudando pessoas e factos relevantes.

## **Tradições do Corpo de Alunos**

### **CAMA AO POÇO**

A Cama ao poço é uma tradição que mudou desde o seu aparecimento. Inicialmente, consistia em virar a cama dos alunos, com eixo horizontal, obrigando-os a acordar e a despachar-se para o pequeno-almoço.

Quando um aluno finalista, passa a revista à camarata para ver se está toda em ordem, e nota alguma cama mal feita, ou feita de modo desleixado e sem apurmo deve virar o colchão de esponja existente, em eixo horizontal, de modo a este ficar ao contrário. Existe também outra versão desta tradição - a cama à chaminé de fadas - que consiste em levantar a cama do aluno, em eixo vertical.

Hoje em dia, a Cama ao "poço", serve fundamentalmente para punir os alunos que tenham a cama mal feita e é praticada pelos alunos graduados. Tem como objectivo persuadir os alunos desleixados a refazerem as suas camas de modo correcto.

*A "cama ao poço" faz parte da vivência colegial e quem não levou com ela ao poço pelo menos uma vez durante os cerca de 8 anos de internato será um caso verdadeiramente inédito e quicá psiquiátrico. No dicionário colegial, o termo "Cama ao Poço" é definido como "viragem da cama com 180 graus no sentido longitudinal".*

*O motivo que levava (e leva) a apanhar com a cama ao poço, é porque na maior parte das vezes a cama estava mal feita, ou outras vezes, mas menos frequentemente,... por pura praxe. Enquanto mais novos, aprendemos a viver com a eminência e as consequências de levar com a "cama ao poço" isto é, ter que remontar a cama e muitas vezes refaze-la a contra relógio.*

*A primeira reacção que temos é: "Merda!!!... lá vou eu ter que voltar a fazer tudo outra vez!!" Por outro lado, quando mais velhos o papel inverte-se, e já em graduados é suposto aprendermos a ajuizar quando a cama deve "rolar" ou não!!*

*Ate aqui tudo bem! Mas,...e quando saímos do Colégio? Não será que levamos também com a "cama ao poço"? Agora, talvez a doer um pouco mais, ainda que no sentido figurado a nossa vida é virada ao contrário no sentido longitudinal!*

*Há que refazer tudo de novo, contudo as peças para montar não são tão óbvias e não fosse o treino colegial de "ir ao poço" quem sabe como reagiríamos.*

*E não pára aqui! Pela vida fora umas vezes deitam-nos a cama ao poço, outras vezes somos nós que a deitamos a alguém ou ate mesmo a nós*

*próprios (é preciso coragem e sabedoria para esta última)... mas uma coisa é certa: depois de refeita sabe melhor deitarmo-nos nela. Por isso colegiais e especialmente, vocês ratas, se por acaso "forem ate ao poço",... não desanimem. É que a cama ao poço é tão velha como o internato e tão duradoura como o vosso número.*

## **RAMALHO**

A origem da dita tradição é já desconhecida pensando-se que antecede já os anos 30.

Reúnem-se vários alunos fazendo círculo em volta do festejado, normalmente os pertencentes ao mesmo curso, turma, mesa ou equipa, para lhe darem palmadas nas costas, por qualquer motivo especial que lhe diga pessoalmente respeito e mereça ser celebrado, ou porque fez anos, ou porque ganhou uma prova desportiva importante.

Esta tradição é como que uma forma típica e característica dos alunos do Colégio Militar se darem os parabéns. Nunca se deve tornar violenta ou anárquica, tem apenas um significado festivo, de alegria e felicitações para com outro aluno, querendo apenas manifestar-lhe que todos sentem igual alegria em relação ao que ele próprio comemora.

## **PÊ-GÊ**

Esta expressão é dita em coro, normalmente no Refeitório, mas em qualquer outro local quando oportuno, por todos os presentes, sempre que se parta um copo, um prato ou qualquer outra peça do género. É uma tradição sem hora ou local fixos, ocasional.

Com esta tradição os alunos, em coro, impelem o ou os responsáveis pela peça quebrada a pagá-la de imediato. Sendo que esta expressão dita em coro tem, efectivamente, o significado de "Paga Já".

O grito serve também para dar conhecimento que algo se quebrou...

## **TROCA DE GRADUAÇÕES**

A Troca de graduações é uma tradição recente, em que, durante 24 horas os alunos graduados trocam as suas graduações entre si, de modo a calhar sempre a troca entre os de graduação mais baixa com os de graduação mais alta.

A tradição é de uma antiguidade ligeiramente recente, e ainda hoje é assimilada pelos alunos como um dia diferente, com o objectivo de descomprimir os alunos da rotina dos dias, um dia em que se reforçam os laços entre graduados que por força da sua graduação normal se encontram afastados dos alunos das diversas companhias.

Para além de tais razões a tradição da "troca das graduações" tem como intuito fundamental, demonstrar a todos os alunos, especialmente aos "Ratas", o modo de como qualquer um dos graduados tem em si de adaptar da melhor forma possível, dentro da sua vocação natural, para desempenhar qualquer tipo de função de comando. Demonstra ainda um espírito de igualdade entre os finalistas, visto que, eles nunca deverão ser avaliados pela graduação que possuem "em cima dos ombros" mas sim por uma mentalidade formada ao longo de 8 anos de vivência colegial com os seus valores e ideais próprios.